

# **O Deus apático de Carlos Drummond de Andrade e o caminho da paixão para a busca de Sentido da Vida**

Alex Villas Boas-PFTNSA/BR\*

## **1. Poesia e o Sentido da Vida**

O que aqui se diz “sentido da vida” é auferido pela fenomenologia da poética drummondiana, ou seja, como ela se dá a conhecer por suas temáticas e nuances, bem como sua forma de apresentação e sua relação biográfica intrínseca, sendo que esta é que permite encontrar a época própria e sua cultura como lugar da produção de sentido, como amálgama dos elementos existenciais, com os valores de seu tempo, obras, espírito epocal, situações, doutrinas, instituições... conforme e na forma em que afetam o poeta e na medida em que “des-cobre” as coisas de seu velamento na imersão da co-existência identificando o que lhe há de comum à esta, bem como dialéticamente elege o que lhe é particularmente sentido como significativo e valoroso numa “totalidade significante”<sup>1</sup> na qual sua vida se orienta daquilo que ainda “não é” para o que “pode ser” enquanto projeto de de um modo próprio de vida humana. A relação da arte com a existência, é de que o ser humano é afetado por ela, que ao entrar em contato com uma obra acontece uma “reunião” entre artista, arte e realidade, gerando um encantamento diante das possibilidades de ser mais humano, a saber, realizar o modo próprio de ser humano: a procura de uma síntese hermenêutica que lhe dê sentido para viver em seu entorno. Nesta relação o artista cria, não porque tem algo a dizer, mas antes porque escuta alguma coisa que lhe fala<sup>2</sup> e em seu potencial simbólico reagrupa re-significando novas sínteses dentro de uma atitude de consciência diante da realidade que lhe

---

\*Alex Villas Boas é graduado em Teologia e está concluindo o mestrado em Teologia e Literatura pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. Assunção/São Paulo-Brasil.Email: [alex.villas.boas@hotmail.com](mailto:alex.villas.boas@hotmail.com)

<sup>1</sup> EAGLETON, Terry. **The Meaning of Life**, p. 136s.

<sup>2</sup> POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do Sentido – Uma aproximação fenomenológica à questões existenciais básicas**, p. 22.

afeta<sup>3</sup>. A poesia nesta perspectiva fenomenológica é tida como pesquisa e conhecimento da realidade, que capta o sentimento do mundo através do *pathos* e partir dele o ser humano aprende a se posicionar diante do mundo. Em Drummond é possível perceber claramente esse reagrupamento significativo da vida<sup>4</sup>, bem como as apreensões que retira dela e de seu tempo numa dialética entre a trajetória [caminho] e seus obstáculos [pedra], extraindo desse entrave, exatamente a mediação<sup>5</sup> para prosseguir o devir do ser, enquanto tentativa de habitar poeticamente um mundo hostil e inumano. Lamaison<sup>6</sup> comentando a poética drummondiana e sobre a terminologia heideggeriana presente nela apresenta Drummond como um poeta em “tempos de angústia hölderliniana” que prediz a chegada da noite no mundo e que caminha rumo ao “clarão do ser” deixando seus rastros na poesia. Drummond ira perceber muito cedo, que havia algo de “torto” nesse mundo<sup>7</sup>, algo desajustado entre a ordem das coisas e o indivíduo de seu tempo, uma contradição inquietante que a literatura lhe seria o instrumental eleito por ele mesmo para não deixar de prosseguir sua existência em sua autonomia. A poética drummondiana é acentuadamente marcada pelo binômio poesia e biografia<sup>8</sup>, e invoca a problemática consciente de que a poesia é sua vida mais “autêntica”<sup>9</sup>. Na questão da fenomenologia da poética drummondiana, pretendeu-se verificar as escolhas do poeta, como o que é significativo para a vida. É nesse aspecto que a questão Deus é também abordada, tentando traçar na trajetória poética de Drummond o lugar em que Deus ocupa na sua poesia, em relação ao sentido que conferiu a sua vida.

---

<sup>3</sup> RAMOS, Maria Luiza. **Fenomenologia da Obra Literária**, 1969, p. 12.

<sup>4</sup> SANT'ANNA, Affonso Romano. **Gauche no tempo**, p. 216.

<sup>5</sup> Para Bischof o “obstáculo” é um elemento fundamental da poética drummondiana que percorre toda a sua obra. Cf. BISCHOF, Betina. **Razão da Recusa – Um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade**, p. 15ss; 49ss.

<sup>6</sup> LAMAISSON, p. 12-13.

<sup>7</sup> *Poesia de Sete Faces*, Alguma Poesia.

<sup>8</sup> Disse CDA: “Minha vida nao tem interesse algum e o que nela pode haver de importante ja contei” In SARAIVA, Arnaldo. **Uma Pedra no Meio do Caminho - Biografia de um Poema - Selecao e Montagem: Carlos Drummond de Andrade**, p. 10.

<sup>9</sup> SANT'ANNA, p. 28.

## 2. Deus e o sentido da vida na poesia irônica de Drummond

A poesia irônica de Drummond tem em sua raiz uma alteração de percurso da “devoção à decepção”, de sua poesia devota à experiência de derrota, mas uma derrota marcada não pela sua incapacidade pessoal, pois era jovem exemplar no colégio jesuíta, e sim pela falta de liberdade [que lhe foi ensinada] e pelo sentimento de injustiça [por seguir o achara ser justo] resultando num sentimento de percepção da impossibilidade e fragilidade humana que Mario de Andrade irá identificar na “pedra” drummondiana<sup>10</sup>. Essa pedra no “meio do caminho” fragmenta o ser em cacos de ser ao se chocar com ela, vive fragmentado, ama fragmentado, sofre cada fragmento de seu ser. Essa “pedra” é inerente a vida sim, mas também está presente em estruturas rígidas da sociedade, e de tal forma se camuflam que o acento da culpa não é dado pelo fato da pedra estar no caminho, mas recai exclusivamente sobre o indivíduo a responsabilidade de ter topado com ela. Nessa contradição da vida nem mesmo Deus escapa, que na infância do poeta é visto como a razão de seu viver, levando a desejar a imitação da vida dos santos<sup>11</sup> e da vida de Cristo<sup>12</sup>, momento que coincide com a sua estada no Colégio Anchieta dos jesuítas, numa espiritualidade que o jovem Carlito iria sentir como “obediência” cadavérica, de negar a própria vontade e sob risco de condenação ao Inferno<sup>13</sup>. Ali com sua participação no “Aurora Colegial”, um jornal do destinado a interação dos alunos do colégio que iria consolidar sua paixão por escrever, chegando mesmo a ser laureado com “certames literários”. Seu primeiro escrito foi em abril de 1918, quando escreve “Vida Nova”<sup>14</sup>, um comentário ao início do ano letivo, já embuído do catolicismo que havia mergulhado no colégio:

---

<sup>10</sup> ANDRADE, Mario de. **Aspectos da Literatura Brasileira**, p. 51.

<sup>11</sup> *Retiro Espiritual*, Boitempo.

<sup>12</sup> Lincoln de Souza faz uma crônica onde afirma ser Oscar Wilde a grande influência do poeta, responsável pela sua “*alma perversíssima de Satã*” ao que o itabirano responde que sua leitura preferida era a “Imitação de Cristo”, de Tomás Kempis. *Diário de Minas*, 08-04-1921.

<sup>13</sup> *Igreja*, Alguma Poesia.

<sup>14</sup> AURORA COLEGIAL, Nova Friburgo, ano XIV, n. 184, 14-4-1918.

Com a alma cheia de fé e de esperança, louvamos a Deus cuja bondade paternal nos proporciona tantas venturas, e abrimos o nosso coração para que nele penetre a chama do amor divino. Que as nossas preces subam, puras e sinceras, até azul esfera, para que, no percurso do ano tenhamos a benção de Deus, protetor dos nossos estudos, dos nossos trabalhos, das nossas esperanças, da nossa vida.

Em várias cartas que envia a Mario de Andrade, há uma aceitação tácita desse historicismo teocêntrico<sup>15</sup>. Entretanto, em sua experiência de expulsão do colégio por “insubordinação mental” Drummond conheceria uma face de Deus até então desconhecida: 1) a de um Deus surdo ao seu clamor: “*Meu Deus, porque me abandonaste*” e; 2) insensível à fraqueza humana [“*se sabias que eu não era Deus/ se sabias que eu era fraco*”<sup>16</sup>], ou seja, à “pedra no meio do caminho”. Deus é distante, fica no alto<sup>17</sup>, no “alto do morro” onde se dirige a procissão de romeiros que sobem a ladeira, também cheia de “pedras” [“*porque me perseguem não posso dizer*”<sup>18</sup>]. Há uma estranha relação entre o indivíduo e Deus, este tem a predominância da vontade sobre todas as coisas, mas ao mesmo tempo parece não conseguir que ela se realize resultando numa “*tristeza de Deus*”, quando Ele se pergunta: *Por que fiz o mundo?* E se responde: “*Não sei*”<sup>19</sup>. Na antropologia drummondiana, o *gauche*, aquela característica do sujeito moderno de ser “torto”, desajustado aos princípios de seu tempo, que anda na contramão da história, na sua *esquerda*, tem sede de Deus e o procura, mas não entende porque Deus não se deixa alcançar ou não o auxilia em seu desejo de ir para o céu e o abandona na contradição humana de seu drama e sua fraqueza : *Perdi o bonde e a esperança [...] Entretanto há muito tempo/ nós gritamos: sim! ao eterno*<sup>20</sup>; *Essa ânsia de ir para o céu/ e*

---

<sup>15</sup> “*Foi uma topada minha idéias de estudar farmácia. Agora seja o que Deus quiser*” cf. Carlos Drummond de Andrade; Mario de Andrade. **CARLOS & MARIO – Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mario de Andrade – Prefácio de Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silviano Santos**, Carta s/n de CDA, Belo Horizonte, 06.10.1925; “*Até segunda-feira que vem, Belo Horizonte se Deus quiser. Devo seguir então para a roça, também se Deus quiser (felizmente ele é brasileiro)*. Cf. Carta 31 de CDA, Belo Horizonte, 04-02-1926; “*Vou vivendo a vida que Deus quer*”.

<sup>16</sup> *Poema de Sete Faces*, Alguma Poesia.

<sup>17</sup> *Igreja*, Alguma Poesia.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> *Tristeza no Céu*, José.

<sup>20</sup> *Soneto da Perdida Esperança*, Brejo das Almas.

de pecar mais na terra<sup>21</sup>; *Vontade de praticar libidinagens, de ser/ infeliz e rezar*<sup>22</sup>. Por vezes é compreensível que em meio aos pecados Deus me abandone: *Deus me abandonou no meio da orgia [...] Estou perdido*". Mas em outras horas, simplesmente abandona: *Deus me abandonou no meio do rio/ Estou me afogando*<sup>23</sup>

## 2. Deus e o sentido da vida na poesia social de Drummond

É em *Sentimento do Mundo* (1940) que pode-se falar de uma apreensão do sentido, como um exercício de consciência, que o poeta toma das coisas, dos demais e de si mesmo<sup>24</sup>, diante do sofrimento que se agrava na vida em tempos de guerra que o deslocam de seu "canto" num indisfarçável sentimento de indignação, que brota do choro das crianças<sup>25</sup>, e do clamor silenciado dos corpos mortos numa época onde "*a vida é sem importância*"<sup>26</sup>, para um compromisso com essa vida que todos fingem não ver. É quando dá início à sua poesia social: "*Tenho apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo*" e com este sentimento é que se vê "*preso à vida*" junto com seus companheiros, se recusa a fazer poesia deste "*mundo caduco*", a ser "*cantor de uma mulher*", de "*uma história*", de "*paisagens*", de "*suicídio*" ou de ser "*raptado por serafins*", mas a matéria de sua poesia é "*o tempo presente, os homens presentes, a vida presente*"<sup>27</sup>. Todavia a experiência de decepção se repete como militante de esquerda, onde interesses outros estariam em jogo, do que a liberdade da individualidade [*os camaradas não disseram que havia uma guerra*]<sup>28</sup> e a impossibilidade e fragilidade se fazem sentir novamente: "*Com a chave na mão/ quer abrir a porta/ não existe porta; quer morrer no mar/ mas o mar secou;/ quer ir para Minas/ Minas não há*

---

<sup>21</sup> *O Vôo sobre as Igrejas*, Brejo das Almas.

<sup>22</sup> *Girassol*, Brejo das Almas.

<sup>23</sup> *Um Homem e seu Carnaval*, Brejo das Almas.

<sup>24</sup> WALTY, Ivete Lara Camargos & CURY, Maria Zilda Ferreira. **Drummond - poesia e experiência**, p. 32.

<sup>25</sup> *Menino chorando na Noite*, Sentimento do Mundo.

<sup>26</sup> *Canção do Berço*, Sentimento do Mundo.

<sup>27</sup> *Mãos Dadas*, Sentimento do Mundo..

<sup>28</sup> *Sentimento do Mundo*, Sentimento do Mundo.

mais./ José, e agora?”<sup>29</sup>. Sem esperança resta “O recurso de se embriagar/ O recurso da dança e do grito/ o recurso da bola colorida/ o recursos de Kant e da poesia/ todos eles... e nenhum resolve”<sup>30</sup> pois não faz sentido viver sem poder viver. Os “álcoois” assumem a falta de um motivo mais profundo para se viver numa sociedade ao avesso, dizem: “Somos a essência, o logos, o poema”<sup>31</sup>, cria-se “mitos” para se suportar essa vida<sup>32</sup>, como da mulher perfeita, que na verdade é uma “fulana” qualquer. Mas há algo “indescritível” que caminha junto com o poeta<sup>33</sup> algo que insiste e persiste apesar de todas as perdas: “Vamos, não chores.../ A infância está perdida./ A mocidade está perdida./ Mas a vida não se perdeu./ O primeiro amor passou./ O segundo amor passou./ O terceiro amor passou./ Mas o coração continua. [...] A injustiça não se resolve./ À sombra do mundo errado/ murmuraste um protesto tímido./ Mas virão outros...”<sup>34</sup>. O poeta ainda que se sinta na impossibilidade de um novo mundo<sup>35</sup> não consegue conter a inquietação de encontrar novas possibilidades do sujeito que como um verme subterrâneo, cava insensatamente até perfurar a terra<sup>36</sup>, e como uma flor “nasceu na rua” [...] “furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”<sup>37</sup> neste mundo criado pelos homens “de cimento armado”<sup>38</sup>, “pedra sobre pedra reconstruiremos a cidade”<sup>39</sup>. É preciso que “pare um momento; continue/ Descubra em seu movimento forças não sabidas, contatos[...] cada homem é diferente, e somos todos iguais [...] somos todos irmãos, insisto [...] o fato de alguém resistir-lhe/ de outros virem depois, de todos serem irmãos/ no ódio, no amor, na incompreensão, no sublime/ cotidiano, tudo, mas tudo é nosso irmão [...] Uma

---

<sup>29</sup> José, Jose.

<sup>30</sup> *Passagem do Ano*, A Rosa do Povo.

<sup>31</sup> *Noite na Repartição*, A Rosa do Povo.

<sup>32</sup> *O Mito*, A Rosa do Povo.

<sup>33</sup> *Carrego Comigo*, A Rosa do Povo.

<sup>34</sup> *Consolo na Praia*, A Rosa do Povo.

<sup>35</sup> A deformação do indivíduo se articula com a deformação da sociedade, “condicionando-a e sendo condicionado por ela” cf. CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**, p. 121.

<sup>36</sup> *Áporo*, A Rosa do Povo.

<sup>37</sup> *A Flor e a Náusea*, A Rosa do Povo.

<sup>38</sup> *Privilégio do Mar*, Sentimento do Mundo.

<sup>39</sup> *Telegrama de Moscou*, A Rosa do Povo.

*parte de mim sofre, outra pede amor/ outra viaja, outra discute, uma última trabalha [...] A tristeza não me liquide, mas venha também na noite de chuva, na estrada lamacenta, no bar fechando-se, que lute lealmente com sua presa*<sup>40</sup>.

Entretanto num momento de desgaste o poeta também resolve abandonar Deus, pois num tempo de tanta dor, esse Deus apático a dor humana, é dispensável para o tempo da desolação: *Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus./ Tempo de absoluta depuração. /Tempo em que não se diz mais: meu amor./ Porque o amor resultou inútil./ E os olhos não choram./ E as mãos tecem o rude trabalho./ E o coração está seco.[...]/ A vida apenas sem mistificação*<sup>41</sup>. Durante toda a sua fase social, a questão Deus será ignorada<sup>42</sup>.

### **3. Deus e o Sentido da Vida na poesia metafísica de Drummond**

Sua fase metafísica é resultado de uma redescoberta “antieuclidiana”<sup>43</sup>, que foge ao encadeamento lógico da sociedade, para um outra lógica, onde Cidade e sujeito estão em oposição, “*o edifício barra-me a vista*”<sup>44</sup> pois é a única certeza que se tem, de que a impossibilidade e a fragilidade [pedra] estarão presentes mas não podem impedir as rosas [esperança] que hora ou outra rompem as estruturas de cada tempo [asfalto], como a “flama do amor”<sup>45</sup>, pois se a “pedra” da impossibilidade é um enigma indecifrável, o amor é um “*mistério que translumia o rosto*”<sup>46</sup> mesmo opacizado pelas barreiras esse “*humano milagre do amor*”<sup>47</sup> e por isso a antologia do poeta é uma *anti-logia*<sup>48</sup> que se pauta pelo amor

---

<sup>40</sup> Os *Últimos dias*, A Rosa do Povo.

<sup>41</sup> *Os ombros suportam o Mundo*, Sentimento do Mundo.

<sup>42</sup> As duas únicas vezes que se refere à Deus é em *Os Ombros que suportam o Mundo* (Sentimento do Mundo) para dispensá-lo e em *Tristeza no Céu* (José) para mostrar como o mundo dos homens se tornou tão caótico, que se houvesse um Deus ele mesmo se arrependeria de ter feito.

<sup>43</sup> *Áporo*, A Rosa do Povo.

<sup>44</sup> *Opaco*, Claro Escrito.

<sup>45</sup> *As Rosas do Tempo*, Viola de Bolso.

<sup>46</sup> *Claro Enigma*, Viola de Bolso.

<sup>47</sup> *A Teresa*, Viola do Bolso.

<sup>48</sup> *Antologia poética*, Viola do Bolso.

apaixonado, “*acima de toda razão*”<sup>49</sup>, o “*amor de todos a todos/ ofertando o sentimento/ de que o mundo tem sentido*”<sup>50</sup>, e que a própria busca é o sentido da vida, a “*humana condição no eterno jogo/ sem sentido maior que o de jogar*”. O amor é que faz as rosas [da esperança] florirem “*que à vida imprime cor, graça e sentido*”<sup>51</sup>, uma “*razão geral*”<sup>52</sup>. Sendo o amor que confere sentido à vida, é ele que faz dessa “*ilusão maior*” [a de que a vida tem sentido]<sup>53</sup> aquilo que permite “*Nascer de Novo*”<sup>54</sup>:

Eis que um segundo nascimento,  
não adivinhado, sem anúncio,  
resgata o sofrimento do primeiro,  
e o tempo se redoura.  
Amor, este o seu nome.  
Amor, a descoberta  
de sentido no absurdo de existir.  
O real veste nova realidade,  
a linguagem encontra seu motivo  
até mesmo nos lances de silêncio.

Para Drummond este amor é vivido na maior concretude possível. No corpo é onde se descobre a “*linha do sentido universal*”<sup>55</sup> nele os amantes se fazem um, por ele e com ele os anônimos deixam de ser “*hipóteses não formuladas no caos universal*”<sup>56</sup>, “*matéria vã*”<sup>57</sup> e se fazem irmãos em sua proximidade e inquieta o outro quando o é desprezado: “*Não amei bastante meu semelhante/ não catei o verme nem curei a sarna*”<sup>58</sup>. Nele que se esconde “*a face intemporal de Eros*”<sup>59</sup> que permite a luta contra toda a forma de *Tanathos*, pois “*não pode a fera comigo/ quando estou, quando estou apaixonado*”<sup>60</sup>. O corpo é a chave que abre a porta para que o outro habite em mim, ele “*abre para o imenso/ Vai-me empurrando e*

---

<sup>49</sup> *O Seu Santo Nome*, Corpo.

<sup>50</sup> *O Marginal Clorindo Gato*, A Paixão Medida.

<sup>51</sup> *Amor*, Amar se aprende amando.

<sup>52</sup> *Epitalâmio*, Amar se aprende amando.

<sup>53</sup> *A Suposta Existência*, O amor natural.

<sup>54</sup> *Nascer de Novo*, A paixão medida.

<sup>55</sup> *A Metafísica do Corpo*, Corpo.

<sup>56</sup> *Reconhecimento do Amor*, Amar se aprende amando.

<sup>57</sup> *O Combate da Luz*, Amar se aprende amando.

<sup>58</sup> *Confissão*, Claro Enigma.

<sup>59</sup> *Eu Sofria quando Ela me dizia*, O amor natural.

*revelando/ o que não sei de mim e está nos Outros [...] é dentro de nós que as coisas são*<sup>61</sup> e a partir dele que eu descubro a paixão pela vida e a sensibilidade pelo que mata a vida, pois *“inocula-me seu patos/ me ataca, fere e condena/ por crimes não cometidos”*<sup>62</sup> e só a paixão pela vida permite ver no corpo do outro *“gente que nem a gente/ desejante, suspirante/ ofegante, lancinante./ O mandamento da vida explode em riso e ferida”*<sup>63</sup>. A paixão nos livra da insensibilidade da vida e nos convida à fraternidade. A paixão, essa capacidade de sofrer e amar que possibilita resistir às impossibilidades do ser, quando descobre que o mundo também não é melhor porque o indivíduo não é melhor, *“a pedra [de impossibilidade] é sofrimento/ paralítico, eterno”* passa a ser *“a chave de unidade do mundo”*<sup>64</sup> quando descubro que sou responsável pelo sofrimento do outro, que também sofre como eu, que é *“dentro de nós é que a favela cresce”*<sup>65</sup>, quando sei ler sua *“expressão corporal”*<sup>66</sup> é sinônimo de que sei *“reconhecer”* nele a vida e o direito à vida e por isso a *“instauração da paz [só pode vir com] o advento do amor”*<sup>67</sup> entre pessoas/corpos.

Diante do sofrimento o poeta passa a lutar com as palavras na procura de um sentido para a vida, que é a *“luta mais vã”*, mas *“me desafia”* e *“aceito o combate”* e luto *“corpo a corpo”* e um *“sapiente amor me ensina a fluir/ de cada palavra/ a essência captada [...] ó palavra [...] que toda me envolve/ Tamanha paixão/ e nenhum pecúlio”*<sup>68</sup>. O poeta sabe que as palavras podem também confundir e nada explicar, mas se descobertas em toda sua *“tamanho paixão”* que podem carregar, nelas encontra o amor que dá sentido ao caos da existência.

---

<sup>60</sup> *Perturbação*, Farewell.

<sup>61</sup> *A Chave*, Corpo.

<sup>62</sup> *As Contradições do Corpo*, Corpo.

<sup>63</sup> *Canções de Alinhavo*, Corpo.

<sup>64</sup> *Unidade*, Farewell.

<sup>65</sup> *Canções de Alinhavo*, Corpo.

<sup>66</sup> *Comunhão*, Falta que ama.

<sup>67</sup> *Natal de 1975*, Poetisa errante.

<sup>68</sup> *O Lutador*, José.

É somente em seu momento metafísico de revisitar o tempo que irá se deparar novamente com a questão de Deus, onde apresenta as razões de sua recusa em dois poemas *Máquina do Mundo*, um poema tipicamente dantesco, em versos tercinos que representam o Deus Tri-Uno dos cristãos, alusão literária pelo qual inicia inclusive sua poesia, como que rememorando de fato os passos dados e em *Relógio do Rosário*, símbolo da antiga catedral itabiraba, que fazia diviza com o quintal de sua casa. Em *Máquina do Mundo* o poeta se apresenta “palmilhando” as coisas do tempo, tateando como quem procura em estrada “pedregosa” em toda a estrada percorrida e marcada pela fragilidade humana diante de toda impossibilidade de ser, num momento de procura de claridade na escuridão [*no céu de chumbo*] que vinha dos montes de seu “*próprio ser desenganado*” e assim nesse tempo, a “*máquina do mundo se entreabriu [...] toda uma realidade que transcende*” convidando-o a se aplicar a esse “*pasto inédito*” de uma “*natureza mítica das coisas*” do qual já havia se desgastado em procurar. A *máquina* lhe dizia algo embora sem emitir “voz alguma” ou “sopro” ou “eco”:

“O que procuraste em ti ou fora de  
teu ser mesmo restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,  
  
olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,  
  
essa total explicação da vida,  
esse nexos primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo  
  
se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo”.

O poeta fica atônito com o que entrevê e lhe chama a participar de seu “reino augusto”, mas relutando em responder, mesmo no anseio de ver desvanecida a “treva espessa”, a aceitação do mistério convoca “*defuntas crenças*” que passa a “*comandar minha vontade*” de como que esse “*dom tardio*” que não pode conhecer em sua “*busca ardente*” já não mais lhe é “*apetecível*”, desdenha acolher a “*coisa oferta que se abria gratuita*” a seu

engenho, momento em que essa “*treva mais estrita*” pousa sobre a pedregosa estrada, e poeta prossegue *avaliando o que perdera* diante da “*máquina do mundo, repelida*”

Drummond parece rejeitar essa “*total explicação da vida*” que se apresenta perfeita demais numa “*estranha ordem geométrica de tudo*”, estranha porque sua poesia é testemunho de uma esperança antieucleideana<sup>69</sup>, como no dizer de um poeta conterrâneo seu: “*Tu caminhas – do Caos ao Cosmos – Carlos*”<sup>70</sup> e essa evocação de uma ordem perfeita das coisas parece ser reflexo das “defuntas crenças” que as coloca em questão em *Relógio do Rosário*, onde transparece a paixão do poeta pela vida, solidário a toda dor do mundo:

Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva  
pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,  
que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro  
Oh dor individual [...]  
dor de tudo e de todos, dor sem nome [...]  
dor do rei e da roca, dor da cousa  
indistinta e universal [...]  
dor dos bichos [...]  
dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

A diferença desse Deus, símbolo da ordem e do triunfo como em *Camões*, tal como uma máquina, tal como um relógio que funciona perfeitamente mas que abandonou o mundo, é a imagem contraditória de um Deus apático, à toda dor humana, “*insensível trindade*”<sup>71</sup> diferente do poeta que é profundamente afetado pela dor da existência. Como pode Deus ser tão perfeito e tão distante da dor humana? O poema prossegue colocando em cheque essa visão de Deus aristotélica:

Não é pois todo amor alvo divino,  
e mais aguda seta que o destino?  
Não é o motor de tudo e nossa única

---

<sup>69</sup> *Áporo*, Claro Enigma.

<sup>70</sup> ACCIOLY, Marcos. **Ó (DE) ITABIRA**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1980, p. 20.

<sup>71</sup> *Tiradentes (Com muita honra)*, As impurezas do branco.

fonte de luz, nas luz de sua túnica?  
O amor elide a face... Ele murmura  
algo que foge, e é brisa e fala impura.  
O amor não nos explica. E nada basta,  
nada é de natureza assim tão casta  
que não macule ou perca sua essência  
ao contato furioso da existência  
[...]  
a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Como pode esse “motor” [imóvel]<sup>72</sup>, amor gerador tão perfeito que a dor de sua criação lhe parece não lhe afetar? Como pode ser luz em meio às trevas, se delas não se importa. Esse amor “casto” que não se permite ser afetado pela “furioso contato” da dor humana. Esse amor pregado “*que foge*” [do humano que sofre] é “*fala impura*” pois ser humano é participar da experiência de doer, e só a paixão [humana] sabe o que é sofrer pelo outro, pois o amor “*é uma fogueira a arder no dia findo*”, que tal como o fogo é impossível não sentir, ele deixa “*gravado seus hieróglifos*”<sup>73</sup>. Um Deus que ama e não sabe o que é o sofrer do amado “*não nos explica*” nada e pois “*nada é de natureza assim tão casta*” que fique assim “*no alto*”, “*lá longe*” do humano, nessa estranha ordem [geométrica]: “*Por que Deus [que dizem ser amor] se diverte castigando?*”<sup>74</sup>. Nem mesmo aqueles que se dizem seus representantes não conseguem viver esse tal amor, seus pastores “*deixam de pastorear para faturar*”<sup>75</sup> e em seus conflitos “*Deus não os socorre*”<sup>76</sup>, além do que parecem estar longe distante demais da compreensão do poeta<sup>77</sup>. Esse amor não é possível na condição humana, porque a indiferença a dor é desumana, ela esta na raiz de um tempo marcado pela morte, pelo sofrimento, pela guerra, e essa indiferença foi alvo da poesia social do poeta e por isso

---

<sup>72</sup> Outra expressão que Aristóteles (384 – 322aC) usa para se referir a Deus é *Qeo,j a`paqikh*, cf. **Metafísica**, XII, 1073. Outro poema que fara menção a esse “Deus-motor” é *Presépio Mecânico de Piriripau*, Boitempo.

<sup>73</sup> *Entre o Ser e as Coisas*, Claro Enigma.

<sup>74</sup> *O Padre, A Moça*, Lição de Coisas.

<sup>75</sup> *Triste Horizonte*, Discurso de Primavera.

<sup>76</sup> *O Padre, A Moça*, Lição de Coisas.

<sup>77</sup> “*Vou fazer para você uma confissão geral, que não fiz ao padre, porque embora eu seja católico, acho que este senhor não tem nada com a minha vida [...]Será o que Deus quiser, sem essa vontade férrea de extrair*

trata com “antipatia” essa visão “apática” de Deus. Essa é a razão de sua “Recusa”, conforme o poema de mesmo nome, devido a esse “obedecer como um cadáver [que] tanto vale morrer como viver” pois é um Deus indiferente a dor humana, por isso mesmo: “Bem faz Padre Filippo: /cansado de obedecer, vai dar o fora/ para viver num mundo largo/ a fascinante experiência de só receber ordens/ do seu tumultuoso coração”<sup>78</sup> pois só a liberdade pode garantir a presença da sua irmã, a responsabilidade<sup>79</sup>. Essa obediência cadavérica, é fruto do medo, da crença defunta de um Deus infernal<sup>80</sup> que “seu nome (e tremo [ao ouvir]) é Deus do catecismo”<sup>81</sup>.

O poeta itabirano parece dar por encerrado a questão de Deus ao publicar *Claro Enigma*<sup>82</sup>, entretanto, o que parece realmente eliminar não é Deus em si como um mistério percebido no “coração de um distraído agnóstico”<sup>83</sup>, pois esse parece transparecer na vida dos santos que ele sempre admirou. Fala das Teresa’s (de Ávila e Teresinha) como “humano milagre do amor”<sup>84</sup> apesar desta última nunca ter lhe ouvido<sup>85</sup>. De São Francisco que por seu amor, o faz reconhecer sua limitação: “Não creio em vós [Deus] para vos amar [por isso] dai-me, Senhor, a só beleza”<sup>86</sup>. Chega até mesmo reconhecer em Maria, mãe de Jesus o “sentimento do universo/ contido em simples escultura” como pastora daqueles de “passos incertos”<sup>87</sup> e que a todos acolhe, “entre humildes e poderosos”<sup>88</sup>. Também olha com respeito e devoção seus amigos católicos poetas como Alceu Amoroso Lima que o chama de “servo

---

*felicidade de tudo*” sobre ser escritor ou não. cf. CDA&MA, Carta s/n de CDA, Itabira, 01-04-1926.

<sup>78</sup> *Recusa*, Boitempo.

<sup>79</sup> *Conversa de Amigos*, Amar se aprende amando.

<sup>80</sup> Desde o primeiro livro, Drummond menciona a pregação do “padre que fala do inferno/ sem nunca ter ido lá” cf. *Igreja*, Alguma Poesia; bem como em sua fase metafísica menciona “missionários estrangeiros” que “trazem um inferno mais terrível”, cf. *Sentimento de Pecado*, Boitempo.

<sup>81</sup> *Ele*, Boitempo.

<sup>82</sup> Sobre o livro como “uma fase encerrada na vida de um cidadão” In CDA&MA, Carta 103 de CDA, Belo Horizonte, 01.01.1931.

<sup>83</sup> *Um Lírio, por acaso*, Discurso de Primavera.

<sup>84</sup> *Teresa*, Viola de Bolso.

<sup>85</sup> *Um Lírio por Acaso*, Discurso de Primavera.

<sup>86</sup> *Estampos de Vila Rica*, Claro Enigma.

<sup>87</sup> *Divina Pastora*, Viola de Bolso.

de Deus/ servo do amor, que é cúmplice de Deus”<sup>88</sup> e na poesia de Murilo Mendes parece enxergar a superação desse “Deus [apático] pagão”<sup>89</sup>. O poeta parece ter um certo apreço pela chamada Igreja “popular” ou da “libertação”, pois ao ler um boletim da Arquidiocese de Itabira de Dom Marcos Noronha, sobre o perigo do comodismo e da ganância que se dirigia visivelmente às elites beneficiadas pela Vale do Rio Doce, reescreve a carta como crônica chamada “*Inventário da Miséria*”. Também em um de seus poemas menciona Dom Hélder como aquele que “pregava a caridade”<sup>91</sup>, bem como acompanha a trajetória de Paulo VI e o rebuliço episcopal da época<sup>92</sup> <sup>93</sup>. O Deus que Drummond irá mesmo rejeitar é o “Deus do catecismo”. Em *Impurezas do Branco*, junto com toda denuncia de hipocrisia, fala desse Deus de estranha “*Kom Unik Assao*” que precisa ser salvo da sua terrível “*inkomunikhassao*”<sup>94</sup>, esse Deus que não sabe o que faz, não sabe se comunicar e que põe medo<sup>95</sup> nas pessoas como todas as demais instituições de seu tempo, e portanto, uma fidelidade de “*falso amor*”<sup>96</sup> faz o povo brasileiro ter o “*vício de esperar tudo da oração*”<sup>97</sup> e nada faz para mudar. Ao rejeitar a defunta crença, conforme entende o poeta, emerge o

---

<sup>88</sup> *A Voz*, Discurso de Primavera.

<sup>89</sup> *Alceu, Radiante Espelho*, Amar se aprende amando.

<sup>90</sup> *Murilo Mendes Hoje/Amanhã*, Discurso de Primavera; cf. ainda *Reunião em Dezembro*, Amar se aprende amando.

<sup>91</sup> *HF*, Versiprosa.

<sup>92</sup> *A Semana foi Assim*, Amar se aprende amando.

<sup>93</sup> Em seu acervo pessoal, doado ao Memorial Carlos Drummond de Andrade em Itabira, sua terra natal, além de *Imitação de Cristo* e de obras de *San Juan de la Cruz*, havia informativos da Arquidiocese de Itabira, o livro *O Negro e a Igreja* de João Evangelista Martins Terra, *Igreja Popular* de Boaventura Kloppenburg de 1983 e *As Aventuras de um Menina Negra em Busca de Deus* do escritor, dramaturgo e socialista irlandês Bernard Shaw. A idéia de uma Igreja mais “progressista” parece ter chamado a atenção do poeta. Em um de seus poemas menciona a TPF [Sociedade Tradição Família e Propiedade] a “*combater cursilhos*”, bem como menciona que “*teólogos holandeses observam: Jesus jamais se declarou Deus*”.

<sup>94</sup> *Ao Deus Kom Unik Assão*, *As impurezas do Branco*.

<sup>95</sup> Em uma entrevista pergunta-se ao poeta *Qual o grande medo de Carlos Drummond de Andrade aos oitenta e cinco anos?* A resposta: “*Medo, propriamente, não tenho, porque não tenho religião. Não tenho partido político. Vivo em paz com meu critério moral e minha consciência*. Cf. NETO, p. 56.

<sup>96</sup> *HF*, Versiprosa.

<sup>97</sup> *Prece do Brasileiro*, Versiprosa. Talvez Mario de Andrade também tenha influência para essa crítica, pois coincide com o conteúdo de uma de suas cartas enviadas ao poeta mineiro: “*nada de esperar a graça divina de braços cruzados [...] a graça divina depende da nossa cooperação, dizem os tratadistas católicos*” cf. CDA&MA, Carta 4 de MA, São Paulo de 1924.

Mistério da “*inifnita benevolência de Deus*”<sup>98</sup> pois para ele o “*Amor é estado de graça*”<sup>99</sup> e “*sempre nascemos pelo amor*”<sup>100</sup> e não sua “*miopia*”<sup>101</sup> da verdade<sup>102</sup>, pois esse Deus apático não há “*como entendê-lo?*”<sup>103</sup> a não ser que Deus seja “*canhoto*” e “*criou com a mão esquerda: Isso explica, talvez, as coisas deste mundo*” torto, um Deus, que caminhasse na trajetória do poeta, também *gauche* imagem e semelhança de Deus.

#### 4. Por uma Teologia do *pathos*

O pensamento poético é apaixonado, pensa a partir daquilo que lhe afeta essencialmente e profundamente, pois o *logos* poético não é arredo à paixão, mas exatamente por meio do *pathos* é que o *logos* penetra na realidade humana, revelando algo de si mesmo através do espelho do outro, dando-lhe a percepção seja do que é mais humano, seja do que lhe é sentido como desumano, e portanto uma poética de sentido<sup>104</sup> que orienta o ser humano em seu devir à procura da excelência.

A poesia de Drummond rejeita a associação a-patia/razão [teológica inclusive] como uma combinação desumanizante, tão forte que nem mesmo a fé cristã conseguira imunizar-se dela. A rigor, pode-se dizer que a poesia do autor itabirano não rejeita em absoluto, o

---

<sup>98</sup> *Deus, Brasileiro?*, Poesia Errante.

<sup>99</sup> *Flor Experiente*, Corpo.

<sup>100</sup> *O Cachorrinho de Poliéster*, Poesia Errante.

<sup>101</sup> *Verdade*, Corpo.

<sup>102</sup> Sobre a pergunta “*Deus existe?*”, responde: *A mim é que você pergunta? [Ri] O que é que eu posso dizer? Eu sei lá! Não tenho nenhuma prova de que ele existe. Você acha que ele existe? É opinião sua. Quem afirma que ele existe ou não existe emite uma opinião puramente pessoal, porque não há nenhuma base científica para afirmar ou para negar a existência de Deus. O que se pode verificar imediatamente é que existe uma ordem natural, uma organização do universo físico. E essa organização por uns é atribuída a um espírito superior chamado Deus. Por outros é atribuída a um mistério que a natureza vai sucessivamente deslindando – mas ainda está muito longe de esclarecer de todo. Fico no meio. Considero-me agnóstico. Sou uma pessoa que não tem capacidade intelectual e competência para resolver o problema infinito que é se existe ou não existe uma divindade*”. Cf. NETO, p. 57.

<sup>103</sup> *Deus e suas Criaturas*, Corpo.

<sup>104</sup> A idéia de uma *poética de sentido* ou de uma *poética existencial* proposta por Heidegger na última fase de seu pensamento, é de re-significar o absurdo da existência, onde acredita ser a “poesia” e não o “conceito” capaz de “fundar” o ser em sua análise existencial [*Daseinanalyse*]<sup>104</sup>, pois o *logos* da literatura, tal como da existência contida nela, não se satisfaz com uma resposta da *ratio*, mas pede que o *logos* ilumine o *pathos* humano, e mais, que também deixe ser iluminado por este último cf. HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, pp. 2-8; \_\_\_\_\_. **Hinos de Hölderlin**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

“mistério” de Deus, mas sim sua mediação hermenêutica herdada do estoicismo, conferindo ao tema da *paixão* um contorno barroco de um sofrimento provocado pela caducidade do mundo do qual se procura escapar, e por isso mesmo em seu fundamento hermenêutico deixa margem para uma fé descompromissada com os séculos, razão pela qual o poeta, que exatamente num movimento contrário une-se ao *sentimento do mundo* e rejeita essa *insensível Trindade*<sup>105 106</sup> do Deus cristão, esse Deus que não ouve o clamor dos que sofrem, para realizar Sua vontade.

Contudo, há de se ir além da superação barroca da paixão para afirmar um pensar teológico apaixonado, e portanto, que parte do fenômeno propriamente humano de buscar um sentido para viver, onde o *pathos* tem seu momento privilegiado de revelação de si, ponto de partida para a o mistério de Deus que se revela, pois a partir da percepção de si mesmo é que o ser humano irá [re]orientar suas escolhas e passos rumo a possibilidade de ser que se abre. Uma teologia do *pathos* como uma teologia onde o fazer teológico se assemelha ao poeitar teológico de um *Logos* que se deixa afetar pela realidade humana a ponto de se unir a ela e sentir toda a sua condição. Dentro de uma teologia do *pathos* Cristo pode ser visto e sentido como o *Humano do humano*<sup>107</sup>, Aquele que penetra profundamente na vida e na razão de ser do humano reconduzindo-o a novas possibilidades de humanizar a própria existência na medida em que participa da vida de Deus nos passos de Cristo e de sua *Paixão* [pelo

---

<sup>105</sup> *Tiradentes (Com muita honra)*, As impurezas do branco.

<sup>106</sup> Uma teologia do *pathos* se desenrola dentro da procura da teologia moderna de superar a “apatia” do Deus aristotélico presente na teologia “barroca” da paixão, herança de um estoicismo que resiste a teologia dos capadóciós e mesmo a envergadura teológica de Agostinho que critica esse olhar negativo dos estóicos sobre as paixões oposto ao *cor inquietum* do cristão, chegando até mesmo a uma leitura tomista seletiva que aboliu o aspecto afetivo da gnoseologia tomásica que compreende a dimensão afetiva e valor positivo das paixões dissociando do Deus apático como um Deus que em sua onipotência decide se auto-limitar para respeitar a liberdade humana, para salvaguardar a possibilidade do amor, sua impotência é na verdade sinal de um Deus que vence o sofrimento no sofrimento (Moltmann), e por isso seu silêncio não é indiferença apática, mas um chamado à maior atenção para aquilo que quer falar ao ser humano ouvinte de Sua palavra a fim de lhe apontar caminhos de superar essa dor (Rahner), pois em seu silêncio seu amor permanece ativo (Evdokimov). Cf. AGOSTINHO, *Civitas Dei*, V, VI e XIV; MOLTSMANN, Jürgen. **El Dios Crucificado**; RAHNER, Karl. **Appels au Dieu du silence**; EVDOKIMOV, Paul. **O Silêncio Amoroso de Deus**.

<sup>107</sup> A vinculação de *Logos* como o “humano do humano” é de FRANKL, Viktor. **Fundamento y aplicaciones**

humano], *Morte* [do que é desumano] e *Ressurreição* [de recomeçar uma história mais humana]. Não pode haver uma mudança de práxis sem o *pathos* que a impulsiona e direciona<sup>108</sup>. Uma teologia da *praxis* circunscrita aos limites da razão corre o risco de ir somente até onde a esperança pode ser calculada, até onde pode vislumbrar um projeto concreto de remodelagem da sociedade, correndo o risco de tornar a esperança tributária de uma ideologia. O poeta brasileiro atingiu tal limite e sua insuficiência, mas não perdeu a paixão pelo humano, tornando-se elemento crítico da ideologia. Uma teologia do *pathos* procura reavivar a brasa<sup>109</sup> de uma teologia da *praxis*, percebendo que a libertação antes de atingir as estruturas sociais latino americanas emerge de uma “alma” latino americana, que antes de pensar politicamente, sente o sofrimento do continente e a alegria da esperança de descobrir o ser humano como indestrutível, sendo impulsionado por seu desejo de sentido, redescobrimo-o toda vez que este se esvai, tal como o poeta em cada fase de sua poesia/vida, e por que é próprio do ser humano a resistência, pode reconstruir sobre as ruínas de sua ilusão, uma nova realidade. A teologia ao atentar para o *pathos* interpenetra-se com a teologia da *praxis* redescobrimo-a no *locus theologicus* mais profundo, o da espiritualidade, como um modo de ser cristão latino americano, em sua paixão pelo humano e aversão pelo desumano, onde o *sensus humanus* do poeta parece estar mais afinado a uma teologia que parte do mistério antropológico, resgatando e re-afirmando ao *sensus fidei* do teólogo<sup>110</sup> sua missão de salvar o humano e não condená-lo. Então a poesia pode reconciliar-se com a teologia, quando o sonho de ambas é o de uma nova humanidade.

---

**de la Logoterapia.** Buenos Aires: San Pablo, 2007, p. 23.

<sup>108</sup> Platão já na *Republica* entende que sem o *pathos* não poderia haver mudança na *praxis* cf. Republica V, 477 sobre a contemplação do belo que orienta o *logos*. Cf. PRADEAU, Jean François. “Platão, antes da invenção da paixão” In BESNIER, Bernard; MOREAU, Pierre-François; RENAULT Laurence. **As Paixões Antigas e Medievais – teoria e crítica das paixões**, pp. 23-36. VILLAS BOAS, Alex. “Dos teus lábios aos meus” In LAUAND, Jean (org.). **Estudos de Filosofia e Educação**, pp. 73-85.

<sup>109</sup> A “brasa” [*reshapeiha*] pode ser vista como símbolo da paixão na Bíblia. Cf. VILLAS BOAS, p. 77-81.

<sup>110</sup> RAHNER, Karl. *Das Wort der Dichtung und der Christ*, pp. 441-454.

## Bibliografia

- ANDRADE, Mario de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Americ-Edit., 1943.
- BISCHOF, Betina. **Razão da Recusa – Um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Nankin Editorial, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos** – 3ª. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 122-123.
- ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mario de. **CARLOS & MARIO – Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mario de Andrade – Prefácio de Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silviano Santos**. Rio de Janeiro: Editora Bem-te-vi, 1988.
- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica de Sentido – Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica** – 2ª. Edição – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007, pp. 71-114.
- EAGLETON, Terry. **The Meaning of Life**. London: Oxford University Press, 2007
- EVDOKIMOV, Paul. **O Silêncio Amoroso de Deus**. Aparecida: Ed. Santuário, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Hinos de Hölderlin**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967., 447 p;
- LAMAISON, Didier. *Introduction* In ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poésie**. Paris: Gallimard, 1990, p. 12-13.
- MOLTMANN, Jürgen. *El Dios Crucificado*. Salamanca: Ed. Sígueme, 1977.
- NETO, Geneton Moraes. **Dossiê Drummond**. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.
- POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do Sentido – Uma aproximação fenomenológica à questões existenciais básicas**. São Paulo: Paulus/EDUC, 2004.
- PRADEAU, Jean François. “Platão, antes da invenção da paixão” In BESNIER, Bernard; MOREAU, Pierre-François; RENAULT Laurence. **As Paixões Antigas e Medievais – teoria e crítica das paixões**. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 23-36.
- RAHNER, Karl. *Appellau Dieu du silence*. S.L.: Salvator, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Schriften zur Theologie – Band IV – Neure Schriften**. Zürich: Benzinger/Köln: Einsiedeln, 1967, pp. 441-454.
- RAMOS, Maria Luiza. **Fenômenologia da Obra Literária**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1969.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. **Gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Lia, Editor, 1972
- VILLAS BOAS, Alex. “Dos teus lábios aos meus” In LAUAND, Jean (org.). **Estudos de Filosofia e Educação. Vol. 8 – Edição Especial – VIII Seminário Internacional CEMOrOc: Filosofia e Educação**. São Paulo: CEMOrOc/EDF-FEUSP/Factash Editora, 2008, pp. 73-85.
- WALTY, Ivete Lara Camargos & CURY, Maria Zilda Ferreira. **Drummond - poesia e experiencia**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2002.